

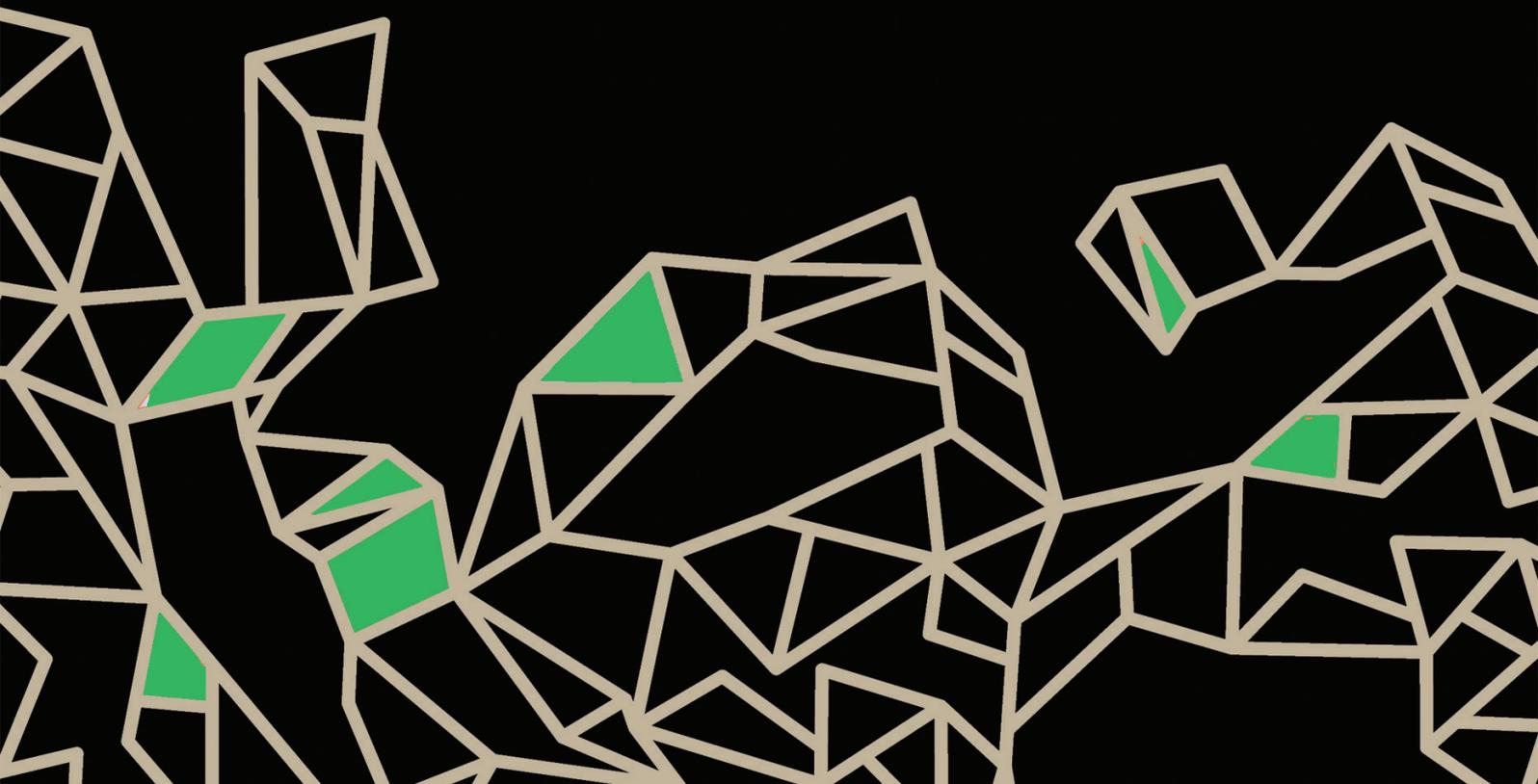


sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v17i2p1-5

EDITORIAL

Luiz Fernando Ramos
Sílvia Fernandes



A história do teatro é filha do momento, da efemeridade, quando o já acontecido só resta cifrado na foto, no texto dramático ou roteiro; no caderno de anotação, no diário ou reflexão crítica do criador e no figurino ou programa do espetáculo; ou em qualquer outro vestígio material, documento, que permita reconstitui-lo.

Mas resta também, para além do mito da encenação como lócus da pesquisa teatral, todo um corpo de indícios históricos e sociais que estão aquém ou além do fenômeno espetacular e que merecem ser pensados e estudados pelo historiador e também demandam um esforço de documentação.

De qualquer perspectiva que se mire, é fato que muito pouco se tem debatido e estudado sobre a pesquisa de documentos e as inúmeras questões metodológicas e de política cultural implícitas aos acervos e centros de documentação no país. A história do teatro brasileiro tem se constituído, sobretudo, graças à labuta anônima de pacientes e inspirados pesquisadores, cujo faro e foco no exame de arquivos, públicos ou privados, chega muitas vezes a reescrever versões históricas canônicas e consagradas.

Este número da *Sala Preta* rende homenagem à documentação e a seus agentes especializados, processadores inventivos das provas materiais de acontecimentos irreproduzíveis e analistas de circunstâncias sociais e culturais que os transcendem. Para isso convidou Fabiana Fontana e Paulo Maciel a organizarem um dossiê especial sobre o tema, o que acabou reverberando sobre toda a edição, que traz quase duas dezenas de artigos tratando do tema, seja diretamente ou com exemplos de revisões históricas relevantes desvendadas pela pesquisa em arquivos.

O texto de abertura da sessão **Em Pauta** é, pois, assinado pelos seus organizadores, que expõem a grade conceitual norteadora na seleção dos textos, produzidos por pesquisadores referenciais na área e refletindo sobre as questões intrínsecas ao exame e à guarda de documentos.

A maior homenageada é Maria Thereza Vargas, pioneira e desbravadora do campo no país, que, a partir da experiência no antigo Idart, hoje Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo, criou os parâmetros e as rotinas de procedimentos que se tornaram paradigmáticos no país. Ela honra a revista com um texto sobre a experiência de documentação teatral na cidade de São Paulo.

Fontana propõe uma instigante revisão sobre o recorte da pesquisa documental incidir principalmente sobre espetáculos havidos e, baseada em sua experiência no Centro de Documentação da Funarte, aponta recorrências nos conjuntos memoriais acondicionados em acervos, que transcendem encenações efetivadas e sugerem ao exame crítico escopo mais amplo.

Maciel apresenta os primeiros resultados de sua investigação sobre a coleção dramática da Fundação Biblioteca Nacional em todo século XIX. Com o exame e a quantificação das obras dramatúrgicas ali guardadas no período de cem anos, o pesquisador mapeou esse repertório bibliográfico em sua circulação por bibliotecas e livrarias vislumbrando o que chama de cultura dramática da época.

Beti Rabetti, empenhada na história da tradução de textos dramáticos estrangeiros no Brasil, oferece achados sobre a recepção da montagem de Jaime Costa da primeira tradução de *Così è (se vi pare)*, de Luigi Pirandello, em 1925, no Rio e em São Paulo.

Tania Brandão, na defesa da história oral, propõe o método da entrevista com os protagonistas das cenas do passado como forma de resgatar, para além dos textos e dos palcos, no âmbito dos camarins e das coxias, a teatralidade de um período que abrange, mais do que obras, vidas e empenhos das subjetividades.

Monize Moura, também discutindo a historiografia teatral, foca nas turnês de Sarah Bernhardt, particularmente a de 1893 ao Brasil. O caso permite uma reflexão sobre as fontes na metodologia de pesquisa das viagens de artistas estrangeiros ao país.

Walter Lima Torres prossegue em sua pesquisa sobre programas teatrais, revendo conclusões sobre a inserção destes em distintos centros de documentação e refletindo sobre a condição do programa como objeto referencial nas coleções teatrais.

Fausto Viana sustenta a relevância dos figurinos de espetáculos como documentos vitais das encenações. Se não permitem reconstituí-las, são índices materiais importantes, ao lado de croquis e fotos, para o historiador compreendê-las melhor.

Elizabeth Azevedo pensa a documentação na história do teatro brasileiro e as formas como se constituíram acervos públicos e privados no país,

antes de apresentar a proposta teórico-metodológica do Centro de Documentação Teatral da USP.

Os aspectos institucionais da documentação teatral também aparecem no estudo de Angélica Camargo sobre o Serviço Nacional de Teatro, que expõe como os documentos ali colhidos podem iluminar ângulos obscuros da nossa história teatral, e no de Jussilene Santana, narrando as dificuldades que enfrentou para constituir acervo sobre a Escola de Teatro da UFBA e de como, a partir delas, criou-se um novo instituto de memória.

Na **Sala Aberta**, a abordagem da pesquisa fundada na busca e revisão de documentos históricos prossegue. Sete artigos, quase todos sobre a teatralidade brasileira, exemplificam a força do método documental e seu potencial de revirar interpretações fechadas.

Sérgio Carvalho faz alentado estudo sobre a apresentação dos índios Tupinambá à coroa francesa, em Rouen, no século XVI. Fruto de pesquisa cerrada de cartas e relatos em arquivos, o texto colabora na revisão que o autor tem feito do cânone sobre teatro jesuítico e a participação nele dos índios brasileiros.

Mariana Soutto Mayor examina minuciosamente duas cartas de 1770, encontradas no Arquivo Público Mineiro, para desvendar as circunstâncias da construção da Casa de Ópera de Vila Rica e os seus modos de produção teatral.

Dois artigos confluem para a obra de Carlos Alberto Soffredini. Larissa Neves e Maria Emília Tortorella propõem uma metodologia de trabalho em acervo, que vem sendo desenvolvida em seu grupo de pesquisa, a partir da dramaturgia e das encenações de Soffredini. Lígia Rodrigues Balista, que organizou esse ano a publicação de uma coletânea do autor, analisa a representação do caipira em sua obra a partir da leitura de seus originais.

Elen de Medeiros relata o processo de tombamento da biblioteca e dos arquivos de Sábado Magaldi no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, pontuando alguns exemplos da riqueza do material para o estudo da crítica de teatro no país.

Alessandra Vannucci acompanha a viagem de Pirandello e de sua companhia teatral ao Brasil, em 1927, pelos jornais da época, e destaca as reverberações provocadas na passagem do autor italiano pelos palcos do Rio

e de São Paulo, principalmente entre os críticos e artistas do modernismo brasileiro.

Almir Ribeiro sintetiza pesquisa em arquivos europeus sobre a mítica revista *The Mask*, que o artista inglês Gordon Craig editou, com Dorothy Neville Lees, em Florença, entre 1908 e 1929. A publicação, fundada em documentos preciosos sobre a história do teatro, é um exemplo acabado de pesquisa documental performativa.

Entremeando as duas primeiras seções, como a reluzir o brilho que dali emanou, dois artigos recuperados por pesquisadores em jornais e citados em artigos dessa edição: a resenha crítica que Oswald de Andrade publicou no *Correio Paulistano*, em 1923, a respeito da cena europeia e, especialmente, sobre a estreia de *Seis personagens à procura de um autor*, em Paris, e a entrevista que Sérgio Buarque de Holanda fez com Pirandello quando de sua viagem ao Brasil em 1927, publicada no *Estado de S. Paulo*. Essas duas joias raras têm em comum o vetor Luigi Pirandello, cujo sesquicentenário foi comemorado esse ano.

Fechando o número, o já habitual dossiê anual de espetáculo destaca dessa vez *Branco: o cheiro do lírio e do formol*, uma das encenações mais controversas de 2017. Dois de seus criadores, Janaína Leite e Alexandre Dal Farra, apresentam fotos da encenação e suas próprias análises críticas de todo processo. Eles também convidam críticos, pesquisadores e artistas a escreverem, dos mais distintos pontos de vista, sobre o projeto e sua atritada recepção. A revista se dispõe a pôr-se como arena livre, que o teatro sempre será, para examinar as dificuldades e potencialidades que emergiram daqueles acontecimentos, constituindo-se como um terreno poroso ao debate e à dialética esclarecedora.

Luiz Fernando Ramos
Sílvia Fernandes